

## JONAS TAURINO EM SINOS E SIRENAS (1932): A MILITÂNCIA PELA REFORMA DA JUVENTUDE CATÓLICA MODERNA

BÁRBARA LUANA OLIVEIRA SILVA\*

MARCONDES DOS SANTOS LIMA\*\*

**Resumo:** Este texto coloca em debate os vínculos entre docência e literatura em finais do século XIX e início do XX. Uma intensa produção literária docente nesse período pode ser averiguada em romances, poesias e contos. Neste contexto encontra-se o cônego alagoano Jonas Taurino Ferreira de Andrade, mestre escola de colégios e cursos superiores católicos de Olinda, autor de outras obras como: *Meu colega inglês* (1926); *Crestomatia da Língua Inglesa* (1931) e *Esparsos – Lágrimas* (1913), produzidas onde passou maior parte de sua vida, Pernambuco. Padre Taurino atuou na condição de um intelectual e militante dos ideais da Igreja católica dos anos de 1920 e 1930, utilizando-se de obra ficcional para formar e corrigir a juventude cristã, em plena época de embates da Igreja Católica com o movimento Escola Nova. Na obra *Sinos e Sirenas: leitura para rapazes* (1932), o discurso do autor se dá na dimensão do religioso, travessado por uma escrita apologética, expressando uma militância em prol de uma fé cristã ameaçada pelo ideário racionalista republicano. Esta indignação com a formação desregrada da juventude fará com que no centro de toda a narrativa se tenha um embate entre o mundo das luzes (catolicismo) com o mundo das trevas (ideário moderno). Desse modo, o autor se apropria de objetos antagônicos, tais como os sinos e as sirenas, para dar ênfase à dicotomia entre o profano e o sagrado. O profano seria, portanto, esta sociedade moderna, que preza por uma razão sem limites e acaba por cegar os homens com sua forte luz, deslocando a mocidade do verdadeiro e incontestável: o dogma. Assim, a partir da leitura da publicação muitas pistas e hipóteses podem ser suscitadas, em que a educação católica traçaria rumos seguros a nação moderna brasileira, desde que fosse conduzida por ideais cristãos bem delineados. Este texto esteve fundamentado nos escritos de Moacir Sant’ana(2002), para compreender os caminhos percorridos pelo cônego pilarense Jonas Taurino; Cinthia Veiga (2007), pois nos permite ter uma dimensão do momento histórico educacional em que a obra foi produzida; e Wellington da Silva (2008), que apresenta as formas de militância da intelectualidade católica no referido período.

### 1. Introdução

Durante o trabalho, buscamos fazer a apreciação da obra *Sinos e Sirenas – Leitura para Rapazes*, do Cônego Jonas Taurino. A obra foi publicada no ano de 1932, época que representa uma fase ilustrada no Brasil. Entretanto, dessa vez, a intelectualidade nutre-se da ideologia católica e assume também uma identidade militante. Nesse momento, a Igreja tem a

\* Graduanda em Pedagogia, pelo Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas.

\*\* Graduando em Pedagogia, pelo Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas.

responsabilidade de orientar o retorno de seus fiéis, e tomar novamente a hegemonia da escolarização brasileira, afastada pela República que propunha uma educação laica.

O texto em evidência está dividido em três partes. No primeiro momento, apresentamos o itinerário intelectual do cônego Jonas Taurino, autor da obra *Sinos e Sirenas: leitura para rapazes* (1932), objeto de nosso estudo. Partimos da ideia de conhecer a biografia de um intelectual, que se coloca na condição de escritor, possibilita uma adequada compreensão das causas que o impulsionaram a escrever determinada obra. Saber a sua formação, isto é, em que espaços de formação o mesmo passou, que tipos de obras leram, nos permite entender, que as obras literárias refletem o perfil de seus autores.

Num segundo momento, apresentamos uma discussão acerca do contexto histórico de atuação da Igreja Católica no cenário social-político, em específico o papel de militância que os intelectuais católicos desenvolveram em prol da conservação da fé cristã. Apontamos que, o clero católico se apropriou de várias práticas como estratégias, que tinham como escopo tornar o Estado brasileiro em uma nação católica. E que estas estratégias não se limitaram ao texto oficial, como os impressos, mas desde a fundação de instituições de formação a revistas religiosas, que se configuravam como difusores do saber eclesiástico.

Por fim, tem-se a discussão em torno de nosso objeto de estudo, a obra: *Sinos e Sirenas: leitura para rapazes* (1932), em que fazemos uma exposição acerca dos personagens que estão no enredo, indicando as suas características, crenças, valores e modo de ser em uma sociedade vindoura de 2032. O drama da obra é preenchido por tensões ideológicas, em que os personagens se enquadram em duas categorias sociais: os que são da *luz* (sinos) e os que são das *trevas* (sirenas). Ressaltando o conteúdo doutrinário e apologético que é evidenciado na oralidade e comportamento dos personagens.

## **2.1. O percurso do cônego Jonas Taurino: Inserindo o autor em seu lugar e tempo**

A obra *Sinos e Sirenas - Leitura para Rapazes* foi escrita pelo Cônego Jonas Taurino, e impressa em Recife, pela editora O Diário da Manhã, no ano de 1932. A obra em estudo está organizada em 13 contos - ou "devaneios", como intitula o autor - ao longo de 366 páginas. A obra, embora tenha sido publicada na década de 1930, salta um século e se passa no carnaval

de 2032. Projetada profeticamente, o pe. Taurino direciona a publicação para a mocidade católica brasileira, e tem como base da sua escrita literária, a discussão da moral cristã católica.

Jonas Taurino Ferreira de Andrade nasceu em 11 de agosto de 1875, na cidade do Pilar-AL. Seus primeiros estudos foram iniciados com sua mãe, D. Filomena Jacinta Ferreira de Andrade, brasileira e filha de portugueses, e irmã, Cândida Cristina Ferreira de Andrade, onze anos mais velha que o futuro padre. Sant'ana (2002) aponta que foi o professor Manuel Benedito de Araujo quem aperfeiçoou Jonas aos estudos primários, e lhe ensinou a ajudar na missa. Com o professor Benedito, ele pode fazer análises de Camões, além de estudar gramática latina e traduzir a *Epitome Historieae Sacre*.

Mais tarde, ingressou nos estudos secundários pelo Colégio Diocesano de Olinda, onde o cônego Antônio Fabrício de Araujo o dirigia. Entretanto, Taurino terminou seus estudos no Seminário de Maceió, em 1894. Na mesma cidade, iniciou os cursos de Filosofia, História Eclesiástica, Teologia, Sagrada Escritura e Direito Canônico (BARROS, 2005). Em sua bibliografia consta que o autor produziu a maior parte de suas obras em Pernambuco, onde, aliás, viveu a maior parte da sua vida e onde se passa a história do livro.

Nos primeiros vinte anos de sacerdócio, Pe. Ferreira de Andrade colaborou como polemista e como simples articulista em vários jornais e revistas de Recife e do Rio de Janeiro. Nesses escritos literários iniciais, ele não adotou propriamente algum pseudônimo. Entretanto, Moacir Sant'ana (2002) informa que ele variava sua assinatura, a cada escrito, ficando conhecido como “Ferreira de Andrade, Cônego Jonas Taurino de Andrade, Padre Jonas T. de Andrade e, finalmente, Mons. Jonas Taurino Ferreira de Andrade” (SANT'ANA, 2002, p.102). Tendo sido o título de monsenhor recebido em duplicata, pela Bahia no dia 5 de março de 1949 e também por Pernambuco, aos nove dias de dezembro de 1954.

Em nota da obra em análise, podemos encontrar menção à algumas das obras do autor, como: *Meu colega inglês (1926)*; *Crestomatia da Lingua Inglesa (1931)* e *Esparços – Lagrimas (1913)*. Jonas Taurino não publicou apenas obras, mas colaborou também em jornais e revistas de sua época. A instrução erudita do padre Jonas Taurino reflete o período em que a Igreja Católica investia fortemente na formação de intelectuais, para combater os ideais liberais e comunistas.

## 2.2. As práticas e discursos da militância católica nos anos de 1930

A Igreja Católica em sua militância se deu num primeiro momento no século XVI, com a Contra-Reforma, numa espécie de reação aos postulados preconizados pela Reforma Protestante, tendo como seu protagonista e precursor o monge agostiniano Martinho Lutero. Esta militância segundo Cambi (1999) foi expressa na formação da Ordem Jesuítica, que prezava a ordem e disciplina em defesa da fé cristã católica. Concomitante a isto, o clero católico iniciou o processo de abertura de universidades que teriam como escopo formar jovens nutridos de uma missão em defesa da fé.

No estudo feito por Silva (2008) sobre o catolicismo militante no século XX no país, o autor aponta que o traço militante foi uma característica ímpar na identidade católica, em que os seus clérigos se detinham de um espírito apologético e triunfalista. Na obra *Sinos e Sirenas: leitura para rapazes (1932)*, o cônego Jonas Taurino, deixa transparecer em sua escrita um dogmatismo, que preza a inflexibilidade doutrinal, com vias de superação a ordem liberal vigente.

Os prelados da “Questão religiosa” defendiam que o poder político, a lei, deveria ser desobedecido caso negasse o primado dos valores espirituais. Se houvesse um conflito entre a consciência cristã e o direito de Estado, este deveria ser desobedecido (SILVA, 2008, p. 542).

Emanuela Ribeiro (2009) nos diz que no período republicano a Igreja Católica se apropriou de práticas e discursos que acabaram por definir o projeto de identidade católica para a nação. E este projeto foi assumido e incorporado por um corpo de intelectuais religiosos, que atuaram no cenário religioso e político. E nesta conjuntura histórica teve-se a ação de intelectualidade que usava a escrita como recurso pedagógico que moraliza e doutrina a juventude. Segundo Veiga (2007), nos anos de 1930, gradativamente a publicação de manuais de instrução foi substituindo os castigos físicos, prática muito comum nas escolas regidas pela a Igreja. Embora a circulação de textos impressos tenha sido uma prática muito corrente do catolicismo brasileiro, Ribeiro (2009) aponta que:

Entendemos que esta atuação ocorreu não somente através da produção escrita e oral (textos doutrinários, discursos, conferências, artigos de jornal, artigos científicos, artigos acadêmicos), mas também através do seu engajamento na difusão do projeto católico de identidade nacional: organização de eventos acadêmicos e religiosos,

publicação e edição de obras e, direção de associações diversas [...]. (RIBEIRO, 2009, p. 105).

A Igreja Católica entendia que o ensino seria uma ferramenta eficaz na disseminação de seus princípios, havendo assim a necessidade de ter uma instituição de formação regida pelo próprio clero. Assim, em 1941, foi fundada a Pontifícia Universidade Católica na cidade do Rio de Janeiro (PUC-RIO), com vista de constituir um seleto grupo de homens iluminados, dotados de uma habilidosa inteligência.

Silva (2008) informa que gradativamente o clero católico foi dando abertura a várias instituições ligadas ao regime: A Liga Eleitoral Católica (LEC) nos anos de 1930 – em que Dom Leme propôs que o eleitorado católico votasse apenas em candidatos aprovados pela Liga; A revista *A Ordem* fundada em 1921 – embora não fosse um jornal oficial da Igreja, era um jornal católico que assumia as proposições do cristianismo político.

De acordo com Costa (2006) no início da década de 30, período este em que a obra de objeto de estudo foi publicada, o cenário educacional brasileiro, vivenciava um conturbado conflito entre católicos e liberais, onde ambos os lados disputavam pela hegemonia na educação, para estabelecer no sistema de ensino os princípios a cada qual grupo defendia.

O laicismo, que era visto como o grande mal da República, vinha penetrando na esfera da educação escolar, o que induzia os católicos a desencadear um combate ferrenho contra a Escola Nova. Na visão dos autores a saída, para todos os problemas sociais estava nas mãos de uma instrução que seguisse os ensinamentos religiosos cristãos. (2006, p. 10).

Por este motivo o próprio autor da obra direciona o seu trabalho a mocidade graúda, que já não deve ser submetida a um tipo de educação pueril, mas sim a uma educação ao nível destes que já falam e discutem como os escolásticos (TAURINO, 1932/ FANTASIA DO PRESENTE). Possivelmente esta formação erudita proposta aos jovens, decorria da apropriação dos dogmas da Igreja Católica, isto porque os escolásticos eram os doutores, assim como fora Sto. Tomás de Aquino na Idade Média.

Esta indignação ao mesmo tempo na formação da jovem mocidade fará com que no centro de toda a narrativa se tenha um embate entre o mundo das luzes com o mundo das trevas, fazendo com que o autor se aproprie de objetos antagônicos, tais como os sinos e as sirenas para dar ênfase a dicotomia que há entre o profano e o sagrado. No início da obra

Taurino descreve a noite que Padre Eustaquio teve de suportar ao som das alarmantes sirenas, que simboliza o barulho de uma sociedade em desordem. No dia posterior “os sinos entraram numa dobadora monacal de altissonoras preces, ao que se afiguravam, queixando-se das sirenas.” (TAURINO, 1932, p. 05).

O intelectual escritor desenvolve uma escrita com uma intencionalidade, que implica descrever a realidade de seu tempo, apontando possivelmente a necessidade de mudança e alteração nas relações sociais. Jonas Taurino ao descrever o embate entre os sinos e sirenas, estava fazendo alusão ao que acontecia nos finais da década de 20 a 30, o conturbado conflito entre liberais e católicos.

A partir do trabalho feito por Diniz (2009) é possível constatar que nos primórdios da República, se tinha um contingente de intelectuais, sobretudo religiosos reivindicando pela queda do novo regime, que decorria de sua aliança com o movimento liberal. A Igreja Católica que era a favor da desintegração da República, via nesta um mal que viria a corromper a sociedade, e a educação laica como a responsável pelo desandar da vida moral.

Isto nos possibilita a entender o porquê de Jonas Taurino fazer da obra Sinos e Sirenas uma apologia ao ideário cristão, em que segundo Cunha; Costa (2002) na década de 30 a Igreja católica tomou várias iniciativas para propagar o seu ideário de educação, dentre estes a publicação de livros de autoria de intelectuais católicos.

### **2.3. Personagens e personificações da obra**

Pressupondo que a ficção é alimentada pela realidade, Jonas Taurino, reflete em sua narrativa as inquietações de um grupo de católicos que travou embate com o Estado. Pois, para esses eruditos, a proposta de ensino laico da República distanciaria a juventude dos princípios éticos ditados pelo Catolicismo. Essa inconformação levou o autor, e outros intelectuais católicos, a se apropriarem dos contos como um recurso formativo. Há valorização do imaginário como um caminho para moralização do comportamento humano.

No capítulo final da obra intitulado "Espertina: tipos, personagens e fatos", podemos compreender com mais clareza o pensamento do intelectual católico Jonas Taurino. Nessa

espécie de pós-fácio, o autor explica que a obra surgiu para ela como "uma luz espiritual, luz alva, linda e serena, revelou-me de um só jacto, numa só noite, num unico sonho, um grandioso espetáculo" (TAURINO, 1932, p. 351). Desse modo, entende-se a obra como um fruto de revelação divina e sabedoria, e não propriamente como resultado de sua intelectualidade. Essa revelação, segundo seu autor, viria como uma sinalização contra o mal vivido em sua época "renitente no vicio, ávida das propriedades alheias, fanatica, bolchevista, luxuriosa, vil" (TAURINO, 1932, p. 351). Desse modo, Taurino se coloca no lugar de um profeta, servindo seu trabalho à uma mocidade descuidada, que se distanciava da mensagem divina, caracterizada por ele como necessária para a formação de um bom cristão.

Os personagens descritos na obra são para o Pe. Taurino a própria personificação do sagrado e do profano, o próprio título "Sinos e Sirenas" está colocado como uma referência para afirmar essa dicotomia entre "o bem e o mal". Compreensão estabelecida no início da obra, quando o personagem de Padre Eustaquio precisou suportar o som das barulhentas sirenas carnavalescas, que na verdade, serviram como referência para uma sociedade em desordem. Pois, como já colocamos, durante a primeira metade do século XX, a Igreja vivenciava uma militante "chamada de seus fiéis à ordem", como explica Wellington da Silva (2008), cujo interesse dessa chamada seria fazer o Estado brasileiro se reconhecer como um país católico. Exemplo tomado pelo personagem de Pe. Eustaquio, que dirigiu Rui - uma personificação descrita como um jovem ambicioso e amigo do personagem principal da narrativa, Evaldo. Rui, mais tarde torna-se Presidente da República - para o caminho de um "governo solido, sabio e prudente de uma nação avessa aos principios sovieticos" (TAURINO, 1932, p. 353)

Na extensa obra, o leitor acompanha o crescimento do jovem Evaldo, descrito pelo Cônego Taurino como um "jovem rudente, sabio e circunspecto", filho de d. Maricota, uma mãe cristã responsável por conduzi-lo para o caminho da luz; e seu pai, Miguelzinho, apresentado como um pai de família cético, que expõe seu filho ao contato com "professores impios, de sofistas, idiotas e fanaticos". Para o autor da obra, Miguelzinho assume também o papel de "Estado neutro", ou seja, o pai é a própria projeção do Estado condenado pela Igreja naquele momento. Já Padre Eustaquio, é o responsável por direcionar Miguelzinho para o caminho da Fé Católica, sendo, então, identificado como a encarnação da Igreja.

Além desses personagens, a obra apresenta também os tipos pelo autor como "corporificações sinistras de espíritos deformados cínicos, perversamente corruptores ou supinamente arruinados, tólos, estúpidos" (TAURINO, 1932, p. 352). Dr. Ernesto, dono da Usina onde Miguelzinho trabalhava, explorava seus empregados, roubando os empregados na balança. Por este motivo, antes de ser dirigido pelo Pe. Eustaquio e convertido ao cristianismo, Miguelzinho passa a suspirar uma vingança contra seu patrão. Isso só não foi possível, pois D. Maricota, na sua posição de serva cristã, indica ao marido seguir o caminho da justiça divina, ao invés da justiça dos homens. Tia Urraca, D. Francisca, e outros personagens secundário que se deixam ser iludidas pelo espiritismo, materialismo, bolchevismo, comunismo, e outras correntes que a Igreja condenava, também são mencionados na narrativa.

### **3. Considerações finais**

No início da República brasileira, a Igreja Católica se armou com uma intensa militância para convocar seus fiéis e colocar-se contra as proposições do Estado laico em construção. Para isso, a literatura tornou-se um dos caminhos para que esse grupo fizesse a chamada de seu público. A publicação *Sinos e Sirenas – Leitura para rapazes*, que esteve em estudo neste trabalho, caracteriza-se como uma obra carregada de ideologia cristã e apologias ao cristianismo.

Esse tipo de escrita religiosa compreende forte influência ao longo da história, e cresceu ainda mais com a ameaça que a Igreja sofreu em perder a hegemonia da escolarização brasileira no século XX. Assim, os contos tornaram-se um poderoso instrumento pedagógico, para os militantes católicos. Pois, a partir desse tipo de narrativa, seria possível moldar também o consciente e corpo, a partir dessa da atratividade presente na leitura lúdica.

### **REFERÊNCIAS**

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CUNHA, Marcus Vinicius da; COSTA-LOPES, V. John Dewey, um comunista na escola nova brasileira: a versão dos católicos na década de 1930. *História da Educação (UFPEL), Pelotas*, v. 12, p. 119-142, 2002. Disponível em:



<http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30572/pdf>. Acesso em: 29 de Julho de 2014.

DINIZ, Marcelo Lucena. **Os caminhos da intelectualidade católica na década de 1930:** católicos e “pioneiros” na construção da ordem pública varguista. Dissertação de mestrado (Mestre em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2009. Disponível em: <http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/marcelolucena.pdf>. Acesso em: 12 de Julho de 2014.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. **Modernidade no Brasil, Igreja católica, identidade nacional:** práticas e estratégias intelectuais: 1889 – 1930. Recife: O Autor, 2009. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2009.

SANT’ANA, Moacir Medeiros de. **Pilarenses ilustres:** precedido de um estudo histórico sobre o Pilar. Pilar: Imprensa oficial e gráfica Graciliano Ramos, 2002.

SILVA, Wellington Teodoro da. Catolicismo militante na primeira metade do século XX brasileiro. **História Revista**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 541-563, jul./dez., 2008.